

## **SUBJETIVIDADES PRODUZIDAS PELA LENTE DA BNC-FORMAÇÃO**

**TAMARA INSAURIAGA BUENO<sup>1</sup>; MAIANE LIANA HATSCHBACH OURIQUE<sup>2</sup>;**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – tibueno13@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – maiane豪@yahoo.com.br*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como ponto de partida as discussões sobre a Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), normativa que reorganiza os currículos de licenciatura a partir de competências e habilidades mínimas. A pesquisa justifica-se pelo impacto social e formativo que essas políticas possuem, uma vez que seus desdobramentos são sentidos por todos que, em alguma medida, têm ou estão em contato com a formação inicial de professores, mesmo aqueles que não têm conhecimento sobre o assunto são afetados por essas políticas.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo principal entender qual subjetividade é produzida a partir da “tela” das políticas envolvidas na BNC - Formação. As questões que guiam a pesquisa são: quais as problemáticas e grandes mudanças são narradas pelos estudantes? Quais discursos os estudantes têm sobre a BNC - Formação? Como os alunos percebem as mudanças curriculares baseadas em competências? Isso afeta o imaginário sobre o futuro exercício profissional?

A pesquisa ancora-se em autores que problematizam a tecnicização da docência e a padronização dos processos formativos (FANIZZI; CARVALHO, 2024), a normalização da sobrecarga e do cansaço nos processos de formação humana e de vida em sociedade (HAN, 2022) e abordam a vida e o trabalho docente (GOODSON, 2022). Também, buscando acessar as subjetividades produzidas pela lente da BNC-Formação, recorre-se à realização de quatro entrevistas narrativas (SCHÜTZE, 2022).

### **2. METODOLOGIA**

O trabalho ancora-se em uma abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de quatro entrevistas narrativas (SCHÜTZE, 2022) com estudantes de Pedagogia que vivenciam o currículo reestruturado após a Resolução CNE/CP nº 2/2019. As entrevistas em questão foram individuais, com duração média de 30min, realizadas de forma presencial e conduzidas de forma a respeitar os padrões de ética da pesquisa com seres humanos.

Os participantes foram convidados por meio de contatos institucionais e redes de relacionamento acadêmico, considerando a disponibilidade e o interesse dos sujeitos em participar da pesquisa. As entrevistas foram organizadas em três momentos: (1) narrativa livre da trajetória formativa e motivações para a docência; (2) discussão sobre a BNC-Formação e percepções a respeito do currículo; (3) reflexão crítica sobre a própria formação e expectativas futuras. O material foi, com a permissão dos sujeitos, gravado e transscrito, para depois ser submetido a análise hermenêutica e interpretativa, buscando identificar eixos recorrentes e sentidos atribuídos à formação. A leitura foi orientada pela compreensão das

políticas como dispositivos que produzem e transformam as subjetividades discentes.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As narrativas produzidas pelos estudantes desenrolam-se em três grandes subjetividades que podem ser lidas da seguinte forma: a primeira, dá ênfase para a invisibilidade e opacidade das políticas curriculares, a segunda, narra as experiências de um currículo com foco em competências e em um saber tecnicista, enquanto a terceira subjetividade é traduzida na tensão entre a utopia da profissão e a precarização da formação. Cabe destacar que essas subjetividades são, em alguma medida, complementares, sendo possível encontrar indícios das três ao longo das narrativas dos sujeitos. Esse processo pode ser justificado pelo fato de os sujeitos estarem imersos em “uma estrutura global densa de encadeamentos de eventos condicionantes cristalizados” (SCHÜTZE, 2022, p. 216). Dito de outra forma, suas diferentes subjetividades batem, a partir de dentro, em condutas e crenças que interferem na forma como eles se entendem e entendem o mundo ao redor, vindo a, mesmo com suas diferenças, terem narrativas e experiências complementares.

Inspirada na lógica da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a BNC-Formação estabelece dez competências gerais que devem orientar a organização curricular e as práticas formativas nos cursos de formação docente. Entre suas implicações, destacam-se a reorganização da matriz curricular, a ampliação da carga horária dedicada às práticas e estágios, a definição de habilidades mensuráveis e a centralidade em um perfil profissional padronizado e orientado por competências. Essas alterações impactam de forma direta o cotidiano dos licenciandos, reconfigurando tempos, conteúdos e o que passa a ser prioridade da formação inicial. Ainda assim, nenhum dos participantes da pesquisa tinha ciência do documento, mesmo seus efeitos se materializando em mudanças na organização das disciplinas, na intensificação de atividades avaliativas e na redefinição das expectativas sobre o papel do professor em formação. Essa ausência de informações e o silêncio institucional no que se refere ao contexto das mudanças curriculares foi a primeira categoria de análise identificada. Esse movimento é similar ao descrito por Fanizzi e Carvalho (2024) quando estes discorrem sobre a figura docente do “ninguém”. A imposição de uma lógica pautada em competências corrobora tanto com o apagamento da unicidade e da singularidade dos sujeitos, quanto com o contexto educacional que nos move e nos ajuda a seguir frente à reificação dos processos educativos.

Enquanto na primeira categoria a ênfase recaiu sobre o desconhecimento e a opacidade das políticas que regem a formação docente, a segunda subjetividade evidenciou como essas mesmas políticas, ainda que pouco visíveis, se fazem presentes de maneira incisiva na organização curricular e nas experiências formativas. As narrativas apontam para um currículo atravessado pela lógica das competências, que redefine conteúdos, práticas e tempos, deslocando o centro da formação para um “saber fazer” técnico, frequentemente em detrimento de espaços voltados à reflexão crítica e à constituição de um “saber ser” professor. Goodson (2022) identificou que na década de 1980, quando a comercialização e a centralização estavam fortemente articulados, os currículos precisavam mudar para acompanhar essas alterações. Como consequência, “o papel de grupos educacionais passou da coordenação de avaliação e definição curricular para o cumprimento de ditames estatais e imperativos comerciais”

(GOODSON, 2022, p. 13), ou seja, priorizou-se o que hoje narram os participantes da pesquisa, uma formação que ensina a “saber fazer” em detrimento de um “saber pensar”.

A terceira subjetividade identificada emerge da tensão entre a utopia e a realidade da formação. Nas narrativas, o desejo de “fazer a diferença”, “ser porto seguro” ou “inspirar” alunos e crianças contrasta com a percepção de que a formação recebida e as condições sociais do exercício da docência não correspondem a essas expectativas. Esse descompasso produz uma sobrecarga formativa, os sujeitos sentem que fazem muito, narram cansaço e exaustão, mas, por estarem inseridos em uma lógica produtivista, seu fazer é percebido como sempre insuficiente e, muitas vezes, esvaziado de sentido. Han (2022) observa que o sistema neoliberal se sustenta pela desarticulação das estruturas temporais estáveis. Na formação docente, esse movimento se expressa no desmembramento do currículo em pequenas partes que operam isoladamente, separando o que é vinculante do que é vinculativo, com o objetivo de aumentar a produtividade do sujeito. Essa fragmentação intensifica a angústia de desejar os resultados de uma utopia da docência enquanto se está em um espaço-tempo precarizado. Nesse contexto, já não é necessário que outros incentivem a lógica da alta produtividade: ela é internalizada como parte do próprio processo formativo. A recompensa passa a ser o cumprimento de competências e habilidades, e, depois de algum tempo nessas condições, o sujeito passa a se auto condicionar, “antes, eu exploro voluntariamente a mim mesmo, crente de que, assim, me realizo. Essa é a lógica péruida do neoliberalismo” (HAN, 2022, p. 69).

O caminho trilhado nos permite afirmar que as três subjetividades identificadas revelam um movimento simultâneo de apagamento e conformação. Muito embora apresentem ênfases distintas, elas se entrelaçam e se reforçam mutuamente, evidenciando como a BNC-Formação opera não apenas na dimensão estrutural dos currículos, mas também na constituição subjetiva dos sujeitos em formação, moldando crenças, saberes e demais experiências constitutivas do ser. Ao mesmo tempo em que delimitam o que deve ser aprendido e como, essas políticas moldam modos de pensar, agir e sentir a formação docente, instaurando uma racionalidade que normaliza a intensificação da produtividade e a redução do pensamento crítico.

#### **4. CONCLUSÕES**

Entende-se que a BNC-Formação, ao prescrever competências e habilidades mínimas, atua como dispositivo que reorganiza o currículo e, de forma indireta, molda as subjetividades dos licenciandos. A opacidade dessa política entre os participantes da pesquisa é prognóstico de uma naturalização de mudanças estruturais que seguem uma lógica com prioridades avessas a que a educação deveria ter, como emancipação dos sujeitos, pensamento crítico e alteridade. Os resultados reforçam a necessidade de criar espaços-tempos na formação inicial que permitam discutir criticamente as políticas educacionais, assumindo que essas propostas não são neutras, assim como o silêncio institucional e a falta de resistência a essas políticas.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2**, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 46-49, 15 abr. 2020. Disponível em: portal do MEC. Acesso em: Jul. 2025

FANIZZI, Caroline; CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Não é ninguém, é o professor! sobre a figura docente e o seu ofício. (2024). **Educação Em revista**, Belo Horizonte, vol. 40, e38660, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/38360> Acesso em: Ago. 2025.

GOODSON, Ivor F. **A vida e o trabalho docente**. Trad. Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Vozes, 2022.

SCHÜTZE, Fritz. **Pesquisa biográfica e entrevista narrativa**. In: WELLER, Vivian; PFAFF, Nicolle (org.). Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. p. 211–240.